

Caro leitor,

Uma vez mais, muito obrigada por escolheres um dos meus livros. Este talvez seja o meu preferido, de todos os que já escrevi, e sinto-me tão feliz por vê-lo cá fora, no mundo! Antes de começares, quero que saibas que esta obra contém explorações de fetiches consensuais e negociados — sobretudo, a troca de poderes. Se a escolheres ler, espero que desfrutes da experiência.

Com amor,

Ali

PRÓLOGO



Tudo começa quando a Penelope Ross se inclina sobre a mesa de madeira maciça do restaurante, levanta o dedo indicador e diz:

— Décimo círculo do inferno: encontras o amor da tua vida, mas o sexo é um bocado *sem sal*.

Em frente à equipa inteira de saltos de Stanford.

Às onze e um quarto da manhã.

Durante o *brunch* do meu vigésimo primeiro aniversário.

Há quatro segundos, estávamos a partilhar demasiadas informações sobre os nossos processos digestivos, por isso o choque é desconcertante. Tenho andado a tirar partido dos meus direitos legais recentemente adquiridos, mas não há quantidade de álcool que me impeça de dizer:

— O quê?

Não foi o meu momento mais subtil. Felizmente, a incredulidade que demonstro é abafada pelas reações da restante equipa: a Bree a cuspir-se toda, a exclamação scandalizada da Bella e o ceticismo da Victoria ao perguntar:

— O *Blomqvist* não é o amor da tua vida?

— Sem dúvida — confirma a Pen, com um aceno de cabeça.

Encho a boca com a mimosa. O sabor é muito pior do que o de um simples sumo de laranja, mas a sensação é *muito* bem-vinda.

— Pen. Querida — intervém a Bree, que limpa *espresso martini* dos copos usando a bainha da *T-shirt* da Bella, a irmã, que o permite. Coisas de gémeas, ao que parece. — Quantos copos já bebeste?

— Tipo, metade desse jarro.

— Ah. Talvez devêssemos...

— Mas *in mimosa veritas* — vocifera a Pen, ao inclinar-se ainda mais para a frente. De seguida, baixa a voz, enquanto faz um gesto vago. — Confio em vocês, amigas. Consigo ser vulnerável. Estamos a ter um *momento*.

A Victoria suspira.

— Pen, eu adoro-te, para o que der e vier, seguia-te até às chamas de Mordor e todas essas cenas, mas não estamos a ter um *momento*.

— Porquê?

— Porque estás a inventar coisas.

— *Porquê?*

— Porque o Blomqvist tem de ser *bom* na cama.

Recosto-me num estado de semibebedeira e obrigo-me a pensar no Lukas Blomqvist — uma ocorrência rara para mim. As pessoas supõem que sou fascinada por tudo o que se passa numa piscina, mas não. Os únicos desportos que acho minimamente interessantes são o salto para a água e o salto em terra (ou, como os normais lhe chamam, a ginástica). O resto está fora da minha esfera. Há demasiado a acontecer no desporto aquático. Não consigo acompanhar as equipas de polo aquático de Stanford, quanto mais os nadadores.

No entanto, o Blomqvist é difícil de ignorar. Talvez devido ao camião cheio de medalhas. Aos recordes mundiais. Além disso, se a capitã da minha equipa faz parte de um casal atlético poderoso, tenho a obrigação de me manter a par da sua outra metade. E a Pen e o Blomqvist namoram desde sempre. Tanto quanto sei, ficaram noivos à nascença para cimentar as relações diplomáticas entre os EUA e a Suécia.

Fecho os olhos para fazer ressurgir as recordações pouco nítidas que tenho dele. Calções de banho pretos. Tatuagens. Cabelo castanho, num corte curto em degradê. Uma envergadura de braços acima da média. O porte majestoso e, no entanto, improvável de todos os nadadores universitários de topo que já existiram.

A Victoria tem razão. Podemos arriscar com segurança que sim, o Blomqvist deve ser *mesmo* bom na cama.

— Eu não disse que não é. Ele é ótimo. Só não... — A Pen faz uma careta, numa rutura tão estranha da sua autoconfiança cintilante, que trespassa pela minha névoa de mimosas.

A questão é que a Pen é fantástica. Ambiciosa. O tipo de pessoa que, por instinto, sabe fazer alguém sentir-se à vontade. Lembra-te de beber água. Oferece o elástico de cabelo que leva ao pulso, quando tens o cabelo colado aos lábios. Lembra-se do teu aniversário ainda a seis meses da data. Eu poderia frequentar *workshops* de desenvolvimento pessoal até aos cinquenta anos e deixar que uma equipa de analistas de dados me reprogramasse, e *mesmo assim* continuaria a não ter um terço daquele charme dela, porque um carisma como o dela brota de pares de base aninhados nos cromossomas. E agora vejo-a a morder as peles dos dedos como se acabasse de descobrir a ansiedade social? Não estou a gostar.

— Só não é... o que quero. E, para ser sincera, vice-versa — acrescenta num sussurro baixo.

— E o que seria? — Abençoada seja a Victoria por perguntar o que não tenho coragem de verbalizar. É o membro extrovertido e sem filtros de que todas as equipas precisam.

— Oh, meu Deus. Só queria... sabes, às vezes... — Mas a Pen limita-se a grunhir.

Fico tensa, de súbito alarmada.

— O Blomqvist anda a forçar-te a...

— Não. *Nem pensar*. — Ela abana a cabeça, mas devo parecer pouco convencida, porque continua: — Não. Ele nunca o faria. — Todas as outras abandonaram a conversa; as gémeas discutem sobre qual será a bebida que lhes pertence respetivamente e a Victoria gesticula para o empregado. — O Luk não é desses. Mas... como é que dizemos a um tipo que precisamos de algo diferente?

Porque é que ela me pergunta a *mim*? Será que as rugas que tenho na testa se agruparam para formar as palavras «já pedi a alguém que me espancasse»?

Para ser sincera, não seria assim tão inconcebível.

— Não são os escandinavos que têm uma mente muito aberta?

— Talvez. Ele tem, sem dúvida, uma mente aberta quando se trata de... — Mas não completa, porque um grupo pequeno de empregados

desafinados nos interrompe a cantar os *Parabéns*, e várias coisas acontecem ao mesmo tempo.

Sopro a única vela espetada ao acaso em cima de um bolo lava. Surge um presente de equipa que se materializa em fitas de alongamentos novas. Sinto-me por breves instantes tomada de emoção por alguém tão cronicamente introvertida como eu ter encontrado pessoas que são, meu Deus, tão *boas*. A Victoria precisa de ir à casa de banho. A Pen recebe uma chamada da tia. A Bree quer saber que cadeiras vou fazer no outono.

É demasiado. Em tão pouco tempo. Acabamos por nunca voltar ao tema da vida sexual misteriosamente imperfeita da Penelope Ross e do Lukas Blomqvist — o que até é melhor assim. Seja qual for o problema com que estão a lidar, deve ser trivial. Talvez ela não goste da marca de preservativos que ele usa. Ou de ele adormecer sem ser abraçado a ela. Ou ficam cansados depois do treino e discutem sobre quem deve ficar por cima. Não é da minha conta, por isso deixo o assunto escorregar-me da mente, suave como uma enguia de barbatana longa.

Até umas semanas depois, quando tudo muda.

CAPÍTULO 1



O que mais temo desde o ano de caloirá começa numa quarta-feira de manhã, duas semanas antes do início do trimestre de outono. Anotei-o no meu *Calendário Google* para o horário das dez às onze, uma única palavra que pesa mais do que a soma das suas letras.

Terapia.

— Isto não é nada convencional — diz-me a Sam no nosso primeiro encontro, sem julgamento ou curiosidade no tom. Parece ter dominado uma neutralidade em todas as facetas da vida: o fato bege, o aperto de mão pouco firme, um olhar sem idade e gracioso que pode estar entre os quarenta e os setenta anos. Será demasiado cedo para eu desejar *ser* ela? — Tinha a impressão de que a *Stanford Athletics* tinha a sua própria equipa de psicólogos do desporto.

— E tem — confirmo, percorrendo as paredes do gabinete com os olhos. Os diplomas superam em número as fotografias pessoais, quatro contra zero. Eu e a Sam talvez *já* sejamos a mesma pessoa. — São ótimos. Trabalhei com eles nos últimos meses, mas... — Encolho os ombros, na esperança de transmitir que a culpa é minha por não ter resultado. — Tive uns problemas há uns anos, não relacionados com os saltos. Na altura, a terapia cognitivo-comportamental funcionou para mim. Falei sobre isso com o meu treinador e, como é a sua especialidade, decidi tentar os Serviços de Aconselhamento. — Sorrio, como se tivesse confiança total neste plano. Quem me dera.

— Estou a ver. E, no passado, quando fizeste terapia cognitivo-comportamental, que problemas é que...

— Nada relacionado com desporto. Eram coisas de família. A relação com o meu pai. Mas já está tudo resolvido. — Percebo que falei um pouco depressa demais, e espero que a Sam conteste o que é obviamente uma verdade meio cozinhada, mas ainda congelada no meio, no entanto ela limita-se a observar-me, um olhar avaliador e perspicaz.

Demasiada atenção, toda ela em mim, toda de uma vez. Contorço-me na cadeira e sinto a aflição que me prende sempre os músculos. A presença da Sam não me acalma particularmente, mas estou aqui para ser *tratada*, não para ser *acalmada*.

— Estou a ver — acaba ela por repetir. Abençoada seja a TCC e a sua falta de conversa fiada. *Há algo que fazes que é mau para ti. Eu ensino-te a não o fazeres, o teu seguro dá-me dinheiro e cada uma segue o seu caminho. O trauma trazes tu. Os lenços de papel são por minha conta.* — E só para esclarecer, Scarlett, tu *queres* estar aqui?

Aceno com a cabeça enfaticamente. Posso não estar ansiosa pela agonia que advém de expor as partes gelatinosas da minha alma, mas não sou aquele detetive cliché de uma série policial dos anos oitenta que se recusa a ir ao psiquiatra. A terapia é um privilégio. Sou uma sortuda por poder contar com ela. E, acima de tudo, preciso dela.

— Tenho de admitir que não percebo muito de saltos aquáticos. Parece-me uma disciplina muito complexa.

— É mesmo. — Muitos desportos de competição requerem um equilíbrio delicado de força física e psicológica, mas o salto... o salto trabalhou muito e no duro para se tornar o mais louco de todos.

— Estarias disposta a explicar?

— Claro. — Aclaro a garganta e baixo a cabeça para as calças de corrida e a *T-shirt* de compressão que tenho vestidas. Preto e vermelho vivo. *Natação e Salto de Stanford: Temam a Árvore.* Quem desenha o equipamento quer claramente que a nossa identidade seja reduzida ao desempenho atlético. *Nunca te esqueças: és o que pontuas.* — Saltamos de coisas. Mergulhamos em piscinas. Fazemos algumas acrobacias pelo meio.

Quero fazê-la rir, mas a Sam não parece ter tendência para se divertir.

— Estou a presumir que há mais.

— Muitos regulamentos. — Mas não quero aborrecê-la, nem ser uma cliente difícil. — Sou atleta da Divisão I da NCAA. Compito em duas provas. Uma é no trampolim, aquela prancha saltitante de fibra de vidro que... — Imito o movimento para cima e para baixo com a palma da mão. — Tem três metros de altura. Cerca de dez pés. — *Tão alto como uma avestruz*, lembra-me a voz do meu primeiro treinador.

— Qual é a outra prova?

— A plataforma. Com dez metros de altura. — Trinta e três pés. Duas girafas.

— Sem ressalto?

— Estática.

Ela aquiesce.

— A pontuação funciona como na ginástica?

— Basicamente. Um painel de juizes procura erros e subtrai pontos em conformidade.

— E quantos mergulhos fazes por competição?

— Isso depende. E não se trata... não se trata bem de quantos. — Mordo o interior da bochecha. Ela permite que leve o meu tempo, mas mantém-se interessada. — É o grupo.

— O grupo?

— O... tipo de salto, se preferir.

— E quantos grupos existem?

— Seis no total. — Mexo na ponta do meu rabo de cavalo. — Para a frente. Para trás. Invertido. Pirueta. Equilíbrio.

— Estou a ver. E no teu *e-mail*, mencionaste que tens estado a recuperar de uma lesão.

A terapia é um privilégio. Mas eu não gosto.

— Correto.

— Quando é que te lesionaste?

— Há cerca de quinze meses. No final do ano de caloirá. — Cerro os punhos debaixo das coxas, à espera de que ela peça os pormenores sangrentos, pronta a recitar a minha lista.

A Sam, porém, poupa-me.

— Disseste que há seis grupos de saltos.

— Sim. — Fico surpreendida com a mudança de assunto e baixo a guarda.

Um passo em falso de proporções catastróficas.

— E essa tua lesão, Scarlett... tem alguma coisa que ver com o facto de só teres listado cinco?

CAPÍTULO 2



— Estás lixada — diz a Maryam, na primeira semana de aulas, e tudo o que consigo pensar, além do desespero que me palpita nos ouvidos, é que mereço mais da minha colega de casa. Ajudei-a a limpar manchas de sangue de inúmeros maiôs de luta livre... não serei mesmo digna de compaixão? Ou, no mínimo, de reprovação de uma variedade mais tácita?

— Eu sou um quarto alemã — contraponho. — A minha mãe nasceu lá. Devia ser boa nisto.

— A tua mãe morreu quando tinhas dois anos, Vandy. A tua madrasta, que te *criou*, é do cu de Judas, no Mississippi.

Duro. Mas justo.

— A minha composição genética...

— É irrelevante e não te predispõe a conseguir uma boa nota a alemão — insiste ela, com o desprezo de alguém que cresceu bilingue. De momento, não me lembro de qual é a parte do cérebro que controla a capacidade de aprender línguas, mas a dela gira na perfeição e como uma turbina. Uma excelente fonte de energia renovável, capaz de alimentar um pequeno país europeu.

Entretanto:

— Não tenho jeito para estas coisas — lamento-me. Mas, também, por que *razão* havia de ter? — É ridículo que os cursos de medicina tenham requisitos de línguas estrangeiras.

— Não é. Imagina que decides ir para os Médicos Sem Fronteiras e a capacidade de salvars uma vida depende de saberes se «bisturi» é masculino ou feminino?

Coço o pescoço.

— *Die skalpellen?*

— Pimba, o paciente está morto. — A Maryam abana a cabeça. — Lixaste tudo, minha amiga.

Com uma pequena ajuda do meu conselheiro académico. *Faz primeiro as cadeiras de Ciências Básicas de Medicina*, disse ele. *Irás precisar dos conhecimentos para passares no Teste de Admissão à Faculdade de Medicina*, acrescentou. *É o passo certo*, concluiu.

E eu dei-lhe ouvidos. Porque tudo o que sempre quis foi estar *em cima do assunto*. Porque sou estudante-atleta com um horário que é um cruzamento entre uma torre de *Jenga* e um tutorial de *shibari*. Espontaneidade? Apenas se for planeada de antemão. Elaborei um plano de quinze anos no dia em que terminei o secundário, e sempre tencionei cumpri-lo: mais do que um título da NCAA, faculdade de medicina, ortopedia, noivado e casamento, felicidade obrigatória.

Claro que estraguei esse plano ao enfiar sequências de química e biologia no meu primeiro e segundo anos — sem ter em conta que as aulas de ciências nunca foram o meu ponto fraco. Chego ao primeiro ano, e a minha média treme que nem varas verdes. A Psicologia é tão vaga como angustiante. O dativo em alemão assombra-me os pesadelos mais horríveis. A cadeira de Composição em Inglês exige-me que construa argumentos convincentes sobre tópicos esquivos e escorregadios — poesia, a ética do controlo de pragas, datas máximas para funcionários do governo, será que as pessoas existem quando não as conseguimos ver?

É-me mais fácil quando as bolas caem nos devidos cestos. Preto e branco, certo e errado, à base de carbono e inorgânico. Este ano tem sido tudo em tons de cinzento e berlindes espalhados pelo chão numa poça de óleo *Alemão 1* derramado.

Costumava ser aluna-atleta só de vintes. Costumava estar no controlo. Viver em busca da excelência. Nesta altura, ando apenas a tentar evitar fracassos explosivos. Não seria ótimo se conseguisse não desiludir constantemente os que me rodeiam?

— Muda para outra língua — sugere a Maryam, como se eu já não tivesse explorado todas as escapatórias.

— Não consigo. É como um telhado feito de telhas... todas se sobrepõem a alguma coisa. — Por exemplo, exercícios de manhã. Treino da tarde. Qualquer uma das outras milhões de atividades para as quais Stanford me recrutou. E este devia ser o ano em que irei atingir o meu potencial atlético. Pelo menos, se ainda o tiver. Se é que alguma vez o tive.

Sem dúvida que pareceu, ainda na Escola Secundária do Cu de Judas (Missouri, mas já desisti de corrigir a Maryam). Meia dúzia de treinadores de primeira divisão acotovelaram-se agressivamente para me tentarem atrair para as respetivas escolas, uma vez que era uma antiga atleta olímpica júnior, membro da equipa nacional e medalhada nos mundiais de juniores. Uma recruta de topo. Desde os seis anos, todos os treinadores nos clubes por onde passei me bajulavam: *És excelente nisto, Vandy. Vais atingir grandes feitos, Vandy. És uma jovem saltadora promissora, Vandy.* Eu divertia-me com os elogios como um arganaz do campo relaxado — até chegar à faculdade, quando por fim fui posta no lugar.

Na verdade, quase nem tenho lugar.

O meu cérebro deve ter decidido fazer-me um favor, porque não me lembro dos trinta segundos que me mudaram a vida. Para minha sorte, a cena está toda gravada para quem quiser ver, porque aconteceu nas finais de salto dos campeonatos da NCAA. Até vem com um comentário prévio.

— *E esta foi Scarlett Vandermeer, da Universidade de Stanford, bronze olímpica júnior. Sem dúvida a grande revelação da época e à beira de um novo recorde da plataforma. Bem, antes daquele salto.*

— *Sim, ela tentou um salto encarpado para dentro com dois mortais e meio, que conseguiu executar sem falhas esta manhã nas eliminatórias. Aliás, permitiu-lhe alcançar oitos e nove. Mas, desta vez, algo correu mal desde o início.*

São sempre aqueles em quem mais se confia.

— *Sim. Foi sem dúvida um salto falhado... levará um zero na pontuação dos juízes. Mas também entrou na água no ângulo errado, por isso os meus votos para que não se tenha magoado.*

Ao que o meu corpo respondeu: *Que se lixem os votos.*

É engraçado, de uma forma sem graça nenhuma. Lembro-me vividamente da raiva — em relação à água, a mim própria, ao meu corpo —, mas não tenho nenhuma recordação da dor. No vídeo, a rapariga que sai a coxear da piscina é uma sósia que me roubou o corpo. A trança comprida que lhe desce pelo fato de banho vermelho pertence a uma impostora. As covinhas que faz ao forçar os lábios num sorriso? Inquietante. E por que razão o pequeno espaço entre os dentes da frente se parece tal qual com o meu? A câmara, impiedosa, segue-lhe o andar atordoado e até trapalhão, mesmo quando o treinador Sima e os respetivos assistentes correm para ajudar.

— *Vandy... estás bem?*

A resposta é ininteligível, mas o treinador adora contar a história de que a rapariga respondeu:

— *Sim, mas vou precisar de um Advil antes do próximo salto.*

Afinal, ela tinha razão. Iria *mesmo* precisar de um *Advil* antes do próximo salto. E cirurgias. E reabilitação. A conta final?

Concussão.

Rutura do tímpano.

Torção do pescoço.

Lesão do labrum do ombro esquerdo.

Contusão pulmonar.

Pulso torcido.

Entorse do tornozelo.

Sinto um peso viscoso alojado na caixa torácica sempre que vejo o vídeo e imagino o que ela deve ter passado — até me lembrar de que a rapariga sou eu.

Não houve um único rapaz com quem me tenha cruzado nas aplicações de encontros que não me tenha perguntado: *O salto é praticamente a mesma coisa que a natação, certo?* Mas, tal como o boxe, o hóquei no gelo e o lacrosse, o salto é um desporto de contacto. Cada vez que entramos na água, o impacto castiga-nos o esqueleto, os músculos e os órgãos internos.

Morram de inveja, senhores da NFL.

— Tens de te preparar para a possibilidade muito real de não poderes voltar a saltar — avisou-me a Barb antes da cirurgia. É difícil

ignorar o que a minha madrastra diz, e classificá-lo como pessimismo, quando ela é uma cirurgiã ortopédica brilhante. — Só queremos que recuperes a mobilidade total do ombro.

— Eu sei — disse, mas chorei como um bebé, primeiro nos braços dela, depois sozinha na cama.

Mas a Barb foi demasiado cautelosa — e também tive sorte. A recuperação acabou por se enquadrar no campo das possibilidades. Fiquei parada durante o segundo ano de faculdade. Descansei. Tomei os medicamentos. Segui a dieta anti-inflamatória. Concentrei-me na fisioterapia, nos alongamentos e na reabilitação, tão zelosa como uma freira a rezar as orações noturnas. Visualizei os meus saltos, embalei as dores, continuei a aparecer nos treinos para ver o resto da equipa treinar, sentir o cheiro do cloro infiltrado no nariz, com o azul brilhante da piscina a poucos metros de distância, mas impossível de alcançar.

Até que, há dois meses, fui autorizada a treinar. E tem sido...

Bem. Por alguma razão procurei terapia.

— Acho que tenho uma ideia para resolver o teu problema com a língua estrangeira.

Olho desconfiada para a Maryam... porém, inclino-me para ela, toda ouvidos, olhos e esperança.

— Vais dizer-me para tomar um banho de ácido, não vais?

— Ouve-me: Latim 201.

Ponho-me de pé.

— Tenho de ir.

— Pensa como será útil quando os Médicos Sem Fronteiras te enviarem para a Roma antiga!

Bato com a porta ao sair para o treino quarenta minutos mais cedo, só para evitar estrangular a minha colega de casa.

Fomos emparelhadas no ano de caloiras e, apesar da mesquinhez inabalável da Maryam e da minha incapacidade de substituir atempadamente os rolos de papel higiénico vazios, sem saber bem como tornámo-nos incapazes de viver separadas. No ano passado, mudámo-nos (voluntariamente?) para uma casa fora do *campus* e acabámos de renovar (voluntariamente?) o contrato de arrendamento, ficando condenadas a mais vinte e quatro meses de convivência comum. A verdade

é que estarmos juntas é simples e requer pouco trabalho emocional de qualquer uma de nós. E quando se é como eu (uma perfeccionista orientada para os objetivos, focada no controlo e superambiciosa), encontrar alguém como a Maryam é uma dádiva.

Não é uma *boa* dádiva, mas aceito-a.

O Centro Aquático Avery é a melhor instalação onde já treinei. Totalmente ao ar livre, com quatro piscinas e uma torre de salto, é onde todas as equipas aquáticas de Stanford treinam. Hoje, o balneário das mulheres está em silêncio. É uma rara zona de equilíbrio — as nadadoras já saíram para treinar; as saltadoras ainda não estão a preparar-se. As jogadoras de polo aquático foram recentemente exiladas para outro edifício, fazendo derramar muitas lágrimas de agradecimento.

Visto o fato de banho. Enfio uma *T-shirt* e uns calções por cima. Ativo o alarme e sento-me no banco de madeira desconfortável, a contemplar as minhas opções de vida. Dez minutos exatos depois, o meu telemóvel vibra e levanto-me, sem ter alcançado clareza ou paz interior. Dirijo-me para os Serviços de Lavandaria para levantar uma toalha lavada, quando ouço uma voz familiar.

— ... não está bem — diz a Penelope.

Está de pé no corredor, a alguns metros de distância, mas não repara em mim.

— Nada *mesmo* — continua, com um rasgo de lágrimas nas palavras. Reconheço-o daquela competição a duas equipas no Utah, quando fez asneira num salto encarpado para a frente, caiu de barriga como um esquilo voador e deslizou do primeiro para o nono lugar. — Não para nós.

A resposta é menos audível e num tom mais grave. Menos angustiado. O Lukas Blomqvist está em frente à Pen, de peito nu e braços cruzados, um par de óculos à volta do pescoço e um boné pendurado nos dedos. Deve ter acabado de sair do treino, porque ainda está a pingar. O sobrolho algo franzido é difícil de interpretar — pode ser de irritação, ou a expressão normal de um sueco. Não consigo perceber o que diz, mas não importa, porque a Pen lhe corta a palavra.

— ... não há razão para isso, se...

Outra resposta no mesmo tom rico e baixo. Decido retirar-me. Esta conversa não me diz respeito. Não preciso *assim* tanto de uma toalha.

— É melhor assim — insiste a Pen, e aproxima-se dele. — Sabes que é.

O Blomqvist inspira bem fundo, erguendo os ombros brilhantes no processo, o que o faz parecer ainda mais alto. Reparo na tensão do maxilar, na súbita inclinação da cabeça e na tumefação dos músculos na parte superior do braço.

Ameaçador. Perigoso. Assustador. É o que ele é. Ao lado dele, a Pen parece pequena e perturbada, e o meu cérebro entra num modo novo.

Não me interessa se é da minha conta. Aproximo-me, de olhos fixos no Blomqvist. Os dedos tremem-me, por isso fecho as mãos em punho para baixo ao longo do corpo e, apesar de ele ser talvez quatro vezes mais forte do que eu e a Pen juntas, apesar de ser uma péssima ideia, pergunto:

— Pen, está tudo bem?